REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

ENTRE A ESPERA E A RUPTURA: AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA EM *A CASA DAS SETE MULHERES*

BETWEEN WAITING AND RUPTURE: WOMEN'S EXPERIENCES IN THE RAGAMUFFIN WAR IN *A CASA DAS SETE MULHERES*

ENTRE LA ESPERA Y LA RUPTURA: LAS EXPERIENCIAS FEMENINAS EN LA REVOLUCIÓN FARROUPILHA EN *A CASA DAS SETE MULHERES*

Maria Eduarda Batu Abreu
Bacharel em Direito, Universidade de Cruz Alta, Brasil
E-mail: marieduardababreu@gmail.com

Vanessa Steigleder Neubauer
Doutora em Filosofia, Universidade de Cruz Alta, Brasil
Email: vneubauer@unicruz.edu.br

Luiza Gabrielle Borges Godoys
Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Universidade de Cruz Alta, Brasil
E-mail: luizaggodoys@gmail.com

João Felipe de Almeida Bitencourt
Graduando do Curso de Direito, Universidade de Cruz Alta, Brasil
Email: joaofelipeb.direito@gmail.com

Daniela Ivana Aimi
Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Universidade de Cruz Alta, Brasil
Email: daniela.oppelt@hotmail.com

Thiago Siqueira de Andrade
Mestrando em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Universidade de Cruz Alta, Brasil
E-mail: siqueira.eb@gmail.com

Nicóle da Rosa Gütler
Graduanda do Curso de Direito, Universidade de Cruz Alta, Brasil
Email: gutlernicole7@gmail.com

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

Elen kauane Machado Ferreira
Graduanda do Curso de Direito, Universidade de Cruz Alta, Brasil
Email: elendireito2027@gmail.com

Resumo
Este estudo parte da problematização da dicotomia entre as esferas pública e privada como um dos fundamentos da organização social que historicamente contribuiu para a exclusão das mulheres do espaço político e para a naturalização de desigualdades de gênero. Considerando os impactos dessa separação na construção das subjetividades femininas e na produção do sofrimento psíquico, o trabalho tem como objetivo analisar de que modo essa dicotomia é representada na obra *A Casa das Sete Mulheres* e como participa da constituição das experiências femininas no contexto da Revolução Farroupilha. A metodologia adotada consiste em uma análise qualitativa de caráter interpretativo, fundamentada na leitura crítica da narrativa literária e na observação das trajetórias das sete personagens femininas centrais da obra. Os resultados indicam que o espaço privado é representado como um lugar de confinamento, cuidado e silenciamento, no qual se reproduzem normas patriarcais que moldam identidades femininas marcadas pela abnegação, pela espera e pela renúncia de desejos. Ao mesmo tempo, a narrativa evidencia fissuras nesse modelo, por meio de personagens que tensionam ou questionam essas imposições. Conclui-se que a obra revela o caráter político do espaço doméstico e demonstra que o sofrimento psíquico feminino apresentado não pode ser compreendido como fenômeno individual, mas como efeito de uma organização social desigual baseada na dicotomia entre público e privado.
Palavras-chave: Gênero; Público e Privado; Subjetividade Feminina; Literatura.

Abstract
This study addresses the dichotomy between the public and private spheres as one of the foundations of social organization that has historically contributed to the exclusion of women from the political sphere and to the normalization of gender inequalities. Considering the impacts of this separation on the construction of female subjectivities and the production of psychological distress, this study aims to analyze how this dichotomy is represented in the literary work *A Casa das Sete Mulheres* (*The House of the Seven Women*) and how it contributes to shaping women's experiences in the context of the Ragamuffin War. The methodology consists of a qualitative interpretive analysis based on a critical reading of the literary narrative and an examination of the trajectories of the seven central female characters in the work. The results indicate that the private sphere is represented as a space of confinement, care, and silencing, in which patriarchal norms are reproduced, shaping female identities characterized by self-denial, waiting, and the renunciation of desires. At the same time, the narrative reveals fissures in this model through characters who challenge or question these impositions. It is concluded that the work reveals the political nature of the domestic sphere and demonstrates that the female psychological distress portrayed cannot be understood as an individual phenomenon, but rather as an effect of an unequal social organization based on the dichotomy between the public and private spheres.
Keywords: Gender; Public and Private Spheres; Female Subjectivity; Literature.

Resumen

Este estudio parte de la problematización de la dicotomía entre las esferas pública y privada como uno de los fundamentos de la organización social que históricamente ha contribuido a la exclusión de las mujeres del espacio político y a la naturalización de las desigualdades de género. Considerando los impactos de esta separación en la construcción de las subjetividades femeninas y en la producción del sufrimiento psíquico, el trabajo tiene como objetivo analizar de qué manera esta dicotomía está representada en la obra *A Casa das Sete Mulheres* (*La casa de las siete mujeres*) y cómo participa en la constitución de las experiencias femeninas en el contexto de la Revolución Farroupilha. La

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

metodología adoptada consiste en un análisis cualitativo de carácter interpretativo, fundamentado en la lectura crítica de la narrativa literaria y en la observación de las trayectorias de las siete protagonistas femeninas de la obra. Los resultados indican que el espacio privado es representado como un lugar de confinamiento, cuidado y silenciamiento, en el que se reproducen normas patriarcales que moldean identidades femeninas marcadas por la abnegación, la espera y la renuncia a los deseos. Al mismo tiempo, la narrativa evidencia fisuras en este modelo, mediante personajes que tensionan o cuestionan estas imposiciones. Se concluye que la obra revela el carácter político del espacio doméstico y demuestra que el sufrimiento psíquico femenino presentado no puede comprenderse como un fenómeno individual, sino como un efecto de una organización social desigual basada en la dicotomía entre lo público y lo privado.
Palabras clave: Género; Público y Privado; Subjetividad Femenina; Literatura.

1. Considerações Iniciais

A separação entre as esferas pública e privada constitui um dos fundamentos da organização social moderna e desempenha papel central na produção das desigualdades de gênero. Historicamente, o espaço público foi associado à política, ao trabalho, à visibilidade social e à cidadania, enquanto o espaço privado foi vinculado ao âmbito doméstico, ao cuidado e à vida afetiva. Essa divisão, apresentada como natural, contribuiu para a exclusão das mulheres da participação política e do reconhecimento social, ao circunscrevê-las a um espaço considerado secundário e desprovido de valor público. Mais do que uma simples divisão de espaços, trata-se de uma estrutura simbólica que organizou expectativas, papéis sociais e formas de subjetivação feminina.

Ao serem socialmente associadas ao espaço privado, as mulheres passaram a ser compreendidas como responsáveis prioritárias pela manutenção da vida doméstica, pelos vínculos afetivos e pelo cuidado com o outro. Esse enquadramento produziu subjetividades marcadas pela abnegação, pela dependência emocional e pela renúncia de desejos individuais, naturalizando relações assimétricas de poder no interior da família. O privado, frequentemente concebido como espaço de intimidade e proteção, operou historicamente como um lugar de silenciamento e de invisibilização das experiências femininas, ao mesmo tempo em que se manteve protegido da intervenção pública. Dessa forma, as relações de dominação de gênero foram deslocadas para o âmbito doméstico e despolitizadas.

Essa organização social tem impactos diretos sobre a saúde mental das mulheres, uma vez que a responsabilização exclusiva pelo cuidado, somada à

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

desvalorização simbólica do trabalho doméstico e emocional, produz sobrecarga e sofrimento psíquico. Tais experiências tendem a ser interpretadas como problemas individuais, desvinculados de suas determinações sociais, o que contribui para a patologização de vivências produzidas por estruturas desiguais. Compreender o sofrimento feminino exige, portanto, reconhecer que a esfera privada é um espaço atravessado por relações de poder e normas de gênero que moldam subjetividades e modos de existir.

A literatura configura-se como um campo privilegiado para a análise dessas dinâmicas, ao permitir a observação de como os papéis de gênero e as hierarquias sociais são representados, naturalizados ou tensionados no plano simbólico. Nesse sentido, a obra *A Casa das Sete Mulheres*, ambientada no contexto da Revolução Farroupilha, propõe um deslocamento da narrativa histórica tradicional ao centrar-se nas experiências femininas vividas à margem dos campos de batalha. Ao privilegiar o espaço doméstico e a longa espera das mulheres afastadas do conflito armado, o romance evidencia como a guerra atravessa o cotidiano, os afetos e as subjetividades, revelando dimensões silenciadas da história.

As personagens femininas da obra vivenciam a Revolução Farroupilha de forma indireta, porém intensa, marcada por ausências prolongadas, incertezas, lutos e frustrações. Inseridas em uma ordem social patriarcal, elas ocupam posições diversas no interior da família e da estância, revelando tanto a reprodução quanto as fissuras das normas de gênero vigentes no século XIX. O espaço privado, longe de ser apenas um local de confinamento, emerge como um núcleo de produção de sentidos, no qual se elaboram afetos, conflitos e estratégias de sobrevivência, ainda que sob limites rigorosamente impostos.

Diante desse cenário, este estudo parte do questionamento sobre como a dicotomia entre público e privado, tal como representada em *A Casa das Sete Mulheres*, contribui para a produção de subjetividades femininas e para a compreensão do sofrimento psíquico das mulheres no contexto da Revolução Farroupilha. A análise justifica-se pela necessidade de reconhecer o caráter político do espaço doméstico e de ampliar as leituras sobre o feminino para além das narrativas históricas centradas no protagonismo masculino. Ao articular literatura,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

gênero e saúde mental, o trabalho busca evidenciar como determinadas experiências de sofrimento são socialmente produzidas e naturalizadas.

Assim, o objetivo geral do artigo consiste em analisar de que modo a separação entre público e privado, presente na narrativa da obra, participa da construção das subjetividades femininas. De forma mais específica, pretende-se examinar a representação do espaço doméstico como lugar de confinamento e cuidado, identificar os papéis sociais atribuídos às personagens femininas e analisar como expectativas normativas relacionadas ao amor, à maternidade e à abnegação contribuem para a produção de sofrimento psíquico. Ao delimitar esse percurso analítico, o estudo propõe uma leitura crítica das representações do feminino, evidenciando a articulação entre gênero, poder e subjetividade no interior da narrativa literária.

2. A dicotomia público e privado e a produção de subjetividades femininas

A separação entre público e privado tem sido amplamente criticada pelo pensamento feminista por sustentar uma visão ideológica patriarcal que associa o espaço público ao masculino e o privado ao feminino, naturalizando desigualdades de gênero. Essa organização, fundamentada em supostas diferenças biológicas entre homens e mulheres, contribuiu historicamente para a exclusão feminina da esfera política e da cidadania.

Segundo Okin (2008), as principais correntes da teoria política tradicional ignoraram o gênero como categoria analítica, apesar das críticas formuladas pelos estudos feministas. Essas críticas questionam a separação rígida entre público e privado, responsável por afastar as mulheres do espaço público e político. Nesse sentido, Costa (1995) observa que tal dicotomia desconsidera as situações em que as mulheres exercem poder e autoridade no âmbito familiar, uma vez que a própria noção de cidadania foi construída a partir de um modelo masculino, orientado aos interesses dos homens.

Arendt (2010) define o espaço público como o mundo comum, no qual os indivíduos se tornam visíveis e participam da construção da realidade compartilhada. Em contraposição, a esfera privada é caracterizada como o espaço da privação e da

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

invisibilidade social, onde o indivíduo não se revela publicamente. Essa distinção atribui maior valor político ao público, relegando o privado a um plano secundário. Almeida (1997), contudo, alerta que tratar o privado apenas como espaço de privação reforça uma visão dicotômica e excludente, pois público e privado não são esferas opostas, mas interdependentes. Para a autora, essa separação resulta da influência liberal, que associou o doméstico ao feminino e o político ao masculino.

Historicamente, essa divisão não foi sempre estruturada a partir do gênero. No período pré-capitalista, homens e mulheres compartilhavam responsabilidades na manutenção da família, sem uma separação rígida entre público e privado. A consolidação dessa dicotomia ocorre a partir dos séculos XVII e XVIII, com o liberalismo, que, apesar de defender a igualdade formal, reforçou a separação entre Estado e sociedade e excluiu as mulheres do espaço político. No século XIX, o industrialismo capitalista aprofundou essa divisão ao separar produção e reprodução, situando os homens no espaço público do trabalho assalariado e as mulheres no espaço doméstico. Conforme Perrot (1995), esse processo consolidou a figura da dona de casa e reforçou a associação da mulher ao privado.

Sennett (1998) aponta que o espaço público passou a assumir significados distintos para homens e mulheres: para elas, era associado ao risco moral; para eles, à liberdade. Ainda assim, público e privado sempre estiveram articulados na prática social. Por isso, segundo Sennett (1999), essas esferas não devem ser compreendidas de forma dicotômica, mas relacional, como construções históricas complexas.

Carole Pateman (1993) aprofunda essa crítica ao afirmar que, embora as sociedades modernas se organizem a partir do contrato social, esse modelo sempre excluiu as mulheres. Por trás do contrato social, haveria um contrato sexual, por meio do qual os homens garantiram entre si o controle sobre o corpo, a sexualidade e a vida das mulheres. Esse contrato se materializa sobretudo no casamento, que subordinou as mulheres aos homens e as confinou ao espaço privado e doméstico. Mesmo sob o discurso moderno de igualdade, a família nuclear manteve essa hierarquia, associando o homem ao trabalho, à política e ao Direito, e a mulher ao lar, aos cuidados e à reprodução (Pateman, 1993). Assim, o espaço privado deixou

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

de ser reconhecido como político e passou a funcionar como um lugar de submissão feminina, protegido da intervenção estatal.

Oyèrónké Oyěwùmí (1997/2017; 2004) demonstra que esse modelo não é universal. Em sociedades iorubás pré-coloniais, a organização social não se estruturava a partir do gênero, e o sexo biológico não determinava posições sociais. Foi a colonização europeia que impôs o modelo patriarcal de família nuclear, naturalizando a associação entre mulher e espaço doméstico.

Heleieth Saffioti (2001; 2004) destaca que o confinamento das mulheres à esfera privada integra um sistema de dominação mais amplo, no qual patriarcado, capitalismo e racismo operam de forma articulada. Ao excluir as mulheres do espaço público, esse sistema assegurou aos homens o controle da política, da economia e do Direito, enquanto o trabalho doméstico feminino permaneceu invisível e não remunerado.

Dessa forma, o espaço privado não é neutro nem apolítico. Mill e Taylor (1869/2006) já denunciavam que o lar foi historicamente tratado como domínio masculino, onde a submissão feminina era considerada natural e imune à intervenção do Estado. Bell hooks (2010/2017) reforça que essa lógica é ensinada desde a infância, moldando comportamentos, subjetividades e expectativas sociais, e perpetuando a desigualdade de gênero.

A construção social dos papéis de gênero organiza a vida das mulheres a partir da esfera privada, historicamente associada ao cuidado, à domesticidade e à submissão. Esse enquadramento produz impactos diretos sobre a saúde mental feminina, ao colocá-las em posição de desvalorização simbólica e subalternidade, naturalizando formas de sofrimento psíquico (Nicholson, 2000). Socializadas para ocupar o espaço doméstico e relacional, suas experiências tendem a ser tratadas como problemas individuais, o que invisibiliza suas causas sociais. Por essa razão, a saúde mental não pode ser compreendida apenas sob uma perspectiva clínica ou biologizante, sendo imprescindível considerar as dimensões históricas, culturais e sociais que atravessam o adoecimento feminino (Who, 2010).

Nesse sentido, Butler (2018) demonstra que o gênero não é natural, mas produzido por repetições normativas que atribuem às mulheres determinados papéis

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

sociais. Essas normas operam sobretudo na esfera privada, onde se constroem subjetividades marcadas pela docilidade, pela dependência e pela responsabilidade pelo outro. Assim, o sofrimento das mulheres não é apenas individual, mas resultado de uma organização social que estabelece lugares desiguais para homens e mulheres.

Zanello (2016) aprofunda essa análise ao identificar os dispositivos amoroso e materno como mecanismos centrais de subjetivação feminina. Ambos reforçam a permanência das mulheres na esfera privada, vinculando sua identidade ao amor romântico, à maternidade e ao cuidado. Essa lógica produz sobrecarga, silenciamento e desvalorização, contribuindo para o adoecimento psíquico. Portanto, compreender a saúde mental feminina exige reconhecer que a esfera privada é um espaço político, atravessado por relações de poder que moldam subjetividades e produzem sofrimento. A patologização desse sofrimento, sem considerar o gênero e suas interseccionalidades, reforça desigualdades e oculta a dimensão social da violência simbólica vivida pelas mulheres (Zanello; Andrade, 2014).

Desse modo, a análise proposta evidencia que o sofrimento psíquico feminino não pode ser compreendido como um fenômeno individual ou desvinculado das estruturas sociais que organizam as relações de gênero. A centralidade dos dispositivos amoroso e materno na construção das subjetividades femininas revela como a esfera privada opera como um espaço de reprodução de desigualdades, no qual expectativas normativas de cuidado, abnegação e disponibilidade emocional recaem desproporcionalmente sobre as mulheres. Reconhecer o caráter político desse espaço implica deslocar a compreensão da saúde mental feminina para além do campo estritamente clínico, incorporando uma leitura crítica das relações de poder que atravessam o cotidiano e produzem sofrimento. Assim, somente a partir de uma abordagem que considere o gênero e suas interseccionalidades é possível evitar a patologização de experiências socialmente produzidas e enfrentar as formas de violência simbólica que sustentam a desigualdade entre homens e mulheres.

3. Contextualização da obra literária *A Casa das Sete Mulheres*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

A Casa das Sete Mulheres, romance da escritora gaúcha Letícia Wierzchowski, tem como pano de fundo a Revolução Farroupilha (1835–1845), conflito separatista que marcou profundamente a então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A obra constrói sua narrativa a partir de um recorte específico desse episódio histórico, afastando-se das representações tradicionais centradas nos campos de batalha e nas estratégias militares para privilegiar as experiências cotidianas daqueles que permaneceram à margem direta do confronto armado. Nesse deslocamento de foco, o romance propõe uma releitura da guerra a partir da perspectiva feminina, inserindo o leitor no espaço doméstico e afetivo atravessado pela longa duração do conflito.

A narrativa acompanha o momento em que, diante do acirramento das disputas entre os estancieiros rio-grandenses e as forças do Império brasileiro, Bento Gonçalves da Silva, uma das principais lideranças farroupilhas, decide afastar as mulheres de sua família das áreas consideradas de risco. Conduzidas à Estância da Barra, no interior da província, essas mulheres passam a viver em relativo isolamento enquanto a guerra se prolonga por quase uma década. O afastamento, inicialmente concebido como medida de proteção, transforma-se gradualmente em uma experiência de confinamento, marcada pela espera constante, pela escassez de informações e pela instabilidade emocional decorrente da ausência prolongada dos homens e da incerteza quanto ao desfecho do conflito (Balbino, 2025).

Nesse espaço reúnem-se Antônia e Ana, irmãs de Bento Gonçalves; Caetana, sua esposa; Perpétua, filha do casal; e as primas Mariana, Manuela e Rosário. Embora distantes do cenário direto da guerra, essas mulheres vivenciam de forma intensa seus efeitos, expressos por meio de perdas, lutos, silêncios e conflitos internos. A Revolução Farroupilha, ainda que travada nos campos e quartéis, manifesta-se em suas vidas como uma experiência emocional e existencial, atravessando relações familiares, expectativas individuais e projetos de futuro (Balbino, 2025).

A construção narrativa do romance articula diferentes temporalidades e pontos de vista, permitindo a sobreposição de memórias, percepções e afetos diante dos acontecimentos históricos. Entre os recursos utilizados, destacam-se os

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

cadernos de Manuela, nos quais a personagem registra impressões, angústias e reflexões sobre a guerra e suas consequências. Esses registros funcionam como um espaço de elaboração subjetiva da experiência histórica, conferindo à narrativa um caráter memorialístico que reforça sua dimensão íntima e sensível, aproximando o leitor do impacto cotidiano da violência e da instabilidade política.

Ao centrar-se nas vivências dessas sete mulheres, *A Casa das Sete Mulheres* propõe uma leitura alternativa da Revolução Farroupilha, revelando dimensões simbólicas, emocionais e sociais frequentemente silenciadas pelas narrativas históricas tradicionais. A obra evidencia que o conflito ultrapassa o heroísmo masculino e os feitos militares, alcançando o âmbito das relações privadas e da vida cotidiana, contribuindo para uma compreensão mais ampla e plural desse período da história sul-rio-grandense (Balbino, 2025).

A adaptação televisiva da obra, por meio da minissérie homônima, reforça essa perspectiva ao construir a representação do feminino a partir de sua inserção no contexto histórico do século XIX e da Revolução Farroupilha. A narrativa evidencia as experiências, limitações e estratégias de atuação das mulheres em uma sociedade profundamente marcada pelo patriarcado. Embora ambientada em um conflito político conduzido majoritariamente por elites masculinas, a minissérie desloca o foco para o espaço doméstico, apresentando-o como um núcleo central de produção de sentidos, de resistência e de agência feminina (Balbino, 2025).

Inseridas em uma ordem social que reservava aos homens o protagonismo político e militar, as mulheres eram tradicionalmente associadas à domesticidade, à obediência e à preservação da honra familiar. A narrativa, contudo, não se limita a reproduzir esse modelo, pois evidencia as formas pelas quais as personagens femininas negociam e tensionam essas imposições, construindo possibilidades de autonomia mesmo dentro de limites socialmente impostos. Nesse sentido, o espaço doméstico deixa de ser apenas um local de confinamento e passa a configurar-se como um espaço político, no qual se elaboram discursos, afetos e estratégias de resistência (Carvalho, 1988).

Conforme aponta Carvalho (1988), a Revolução Farroupilha constituiu-se como um conflito restrito às elites regionais, sem caráter popular e sem ameaça

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

significativa à ordem social vigente. Trata-se, portanto, de uma disputa entre grupos dominantes, o que contribui para a exclusão histórica das mulheres das narrativas oficiais sobre o evento. A memória coletiva tende a destacar quase exclusivamente a figura de Anita Garibaldi como símbolo da participação feminina, frequentemente construída de forma romantizada e idealizada, como observa Souto (2006). Essa centralização, contudo, obscurece a pluralidade das experiências femininas no período.

A Casa das Sete Mulheres rompe com essa lógica ao ampliar o olhar sobre o feminino, evidenciando diferentes formas de atuação das mulheres durante a guerra. Embora a retaguarda — representada pelo cuidado com os filhos, pela administração dos bens e pela manutenção da vida cotidiana — seja um papel central atribuído às personagens, a narrativa demonstra que essa função implicava responsabilidades políticas, econômicas e emocionais fundamentais para a sustentação do conflito. Como destaca Barbosa (2016), essas mulheres enfrentavam vulnerabilidade material, ausência de proteção masculina e constante ameaça de violência, assumindo encargos que extrapolavam a simples reprodução da vida doméstica.

Além disso, a minissérie reconhece a atuação feminina para além do espaço doméstico ao mencionar mulheres que participaram diretamente do conflito como vivandeiras, espiãs ou combatentes, desconstruindo a ideia de uma experiência feminina homogênea (Barbosa, 2016). Dessa forma, o modelo tradicional de mulher — compreendida como mãe abnegada, esposa submissa e moralmente virtuosa — revela-se insuficiente para interpretar a complexidade das vivências femininas no contexto farroupilha.

A narrativa explicita, ainda, a naturalização da hierarquia de gênero por meio dos discursos masculinos e, por vezes, de sua reprodução entre as próprias mulheres. Falas que distinguem a liberdade masculina da feminina sintetizam a lógica patriarcal que associa o valor da mulher ao controle do corpo, da sexualidade e da honra (Barbosa, 2016). Em contrapartida, personagens como Manuela, Mariana, Bárbara e Joana verbalizam a consciência dessa desigualdade, expressando desejo, frustração e crítica diante das restrições impostas às mulheres, independentemente de sua posição social.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

A oposição entre o espaço público masculino e o espaço privado feminino é reiterada ao longo da narrativa, especialmente quando a participação das mulheres da elite na guerra é interditada sob o argumento da proteção, enquanto mulheres pobres circulam nos campos de batalha. Essa distinção evidencia que gênero e classe operam de forma articulada, ainda que a subordinação feminina atravesse diferentes grupos sociais.

Por fim, mesmo personagens masculinos apresentados como mais sensíveis à condição feminina revelam contradições ao reconhecer a opressão das mulheres e, simultaneamente, reafirmar sua autoridade conjugal. Essas ambivalências reforçam o caráter estrutural do patriarcado, demonstrando sua permanência mesmo diante de discursos aparentemente progressistas.

Na sequência, desenvolve-se a análise do perfil das sete personagens femininas centrais da obra, a partir de uma abordagem sintética de suas representações na narrativa literária. Para tanto, estabelece-se inicialmente uma hierarquização social entre as personagens, com o objetivo de evidenciar suas posições no interior dos núcleos familiares e os papéis que lhes são socialmente atribuídos. Como recurso complementar, apresenta-se, em um primeiro momento, um infográfico que sintetiza a composição desses núcleos familiares, contribuindo para a compreensão da relevância simbólica e funcional de cada mulher ao longo do enredo.

A caracterização dessas personagens configura-se como elemento central para a análise das representações do feminino na obra, na medida em que permite observar como a autora constrói identidades femininas atravessadas por relações de parentesco, expectativas sociais e restrições impostas pelo contexto histórico da Revolução Farroupilha. Nesse cenário marcado pelo conflito armado e pela ausência masculina, emergem papéis sociais, afetivos e simbólicos atribuídos às mulheres, revelando tensões entre submissão, responsabilidade e autonomia limitada (Souto, 2006).

4. As personagens femininas e as múltiplas expressões do feminino em *A Casa das Sete Mulheres*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

A partir desse enquadramento, passa-se à análise das sete personagens femininas centrais da obra, considerando suas trajetórias individuais, posições no interior dos núcleos familiares e formas de atuação no contexto da Revolução Farroupilha. A leitura dessas personagens permite observar como a narrativa constrói diferentes experiências do feminino, marcadas por relações de gênero, expectativas sociais e limites impostos pela ordem patriarcal do século XIX. Ao apresentar cada uma delas, busca-se evidenciar de que modo suas histórias revelam tanto a reprodução quanto as fissuras desse sistema, oferecendo subsídios para uma compreensão crítica das representações femininas na literatura histórica.

Ana Joaquina Gonçalves da Silva ocupa posição central na narrativa ao representar a figura da matriarca responsável pela manutenção da ordem familiar em um contexto marcado pela ausência masculina e pela instabilidade política da Revolução Farroupilha. Proprietária da Estância da Barra, espaço que funciona simultaneamente como refúgio e confinamento, Ana Joaquina exerce uma liderança feminina circunscrita ao espaço doméstico, um dos poucos socialmente legitimados às mulheres no século XIX (Balbino, 2025). Sua atuação não subverte a ordem patriarcal, mas contribui para sua preservação, ao assegurar a continuidade das normas sociais, da hierarquia familiar e da moralidade vigente. Sob uma perspectiva feminista, sua personagem evidencia como determinadas formas de poder feminino eram permitidas desde que não colocassem em risco as estruturas patriarcais estabelecidas.

Maria, irmã de Ana Joaquina, representa de modo mais explícito os efeitos subjetivos da submissão feminina. Sua trajetória é marcada pela obediência às imposições familiares, pela renúncia afetiva e pelo ressentimento decorrente de um casamento imposto (Balbino, 2025). Ao reproduzir sobre as filhas os mesmos mecanismos de controle e vigilância que a oprimiram, Maria revela como o patriarcado se perpetua não apenas pela dominação masculina direta, mas também pela internalização de seus valores pelas próprias mulheres. Sua personagem permite refletir sobre o sofrimento silencioso feminino e sobre a reprodução intergeracional das opressões de gênero.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

Caetana García y Gonzáles é construída como esposa devotada de Bento Gonçalves, tendo sua identidade fortemente vinculada à figura do marido. Embora apresente traços de força e personalidade, sua atuação permanece restrita ao papel de suporte emocional e simbólico do líder farroupilha (Balbino, 2025). A ênfase em sua fidelidade conjugal e na maternidade reforça um modelo tradicional de feminilidade, baseado na honra, na renúncia e na espera. Sob uma leitura feminista, Caetana exemplifica os limites impostos à participação feminina na história, sendo valorizada sobretudo por sua capacidade de amar, sofrer e sustentar emocionalmente o homem.

Perpétua, filha de Bento Gonçalves, representa o arquétipo da jovem feminina idealizada segundo os valores morais do século XIX. Reservada, religiosa e obediente, ela aceita as normas sociais sem questionamento explícito, concebendo o casamento como destino natural e desejável. Mesmo ao vivenciar um amor intenso, opta pela contenção e pela espera, subordinando seus desejos às convenções sociais (Balbino, 2025). Sua personagem evidencia como a opressão de gênero também se sustenta pela internalização dos valores patriarcais, que levam muitas mulheres a aceitarem a submissão como virtude.

Rosário configura-se como uma das personagens que mais tensionam as normas patriarcais. Sonhadora e desejosa de liberdade, ela recusa um casamento arranjado e prioriza seus afetos, envolvendo-se com um homem pertencente ao campo político adversário. Sua trajetória revela os limites impostos às mulheres que ousavam escolher o próprio destino, culminando em um desfecho trágico marcado pela perda da razão (Balbino, 2025). Sob uma perspectiva feminista, sua loucura pode ser interpretada como metáfora da violência simbólica exercida contra mulheres que desafiam a ordem social e têm sua subjetividade negada.

Mariana destaca-se pela postura irreverente e contestadora, recusando desde cedo os papéis femininos tradicionais. Sua trajetória rompe de forma mais direta com as convenções sociais ao engravidar fora do casamento e decidir manter a gestação, mesmo diante da pressão familiar (Balbino, 2025). Essa escolha simboliza a afirmação da autonomia feminina sobre o próprio corpo e o próprio futuro, antecipando debates contemporâneos sobre direitos reprodutivos e liberdade

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

feminina. Mariana representa, assim, uma figura de ruptura, cuja rebeldia expõe as fissuras da moral patriarcal.

Manuela constitui o eixo estruturante da narrativa, atuando como mediadora da memória e do tempo histórico. Sua trajetória é marcada pela introspecção, pela espera e por um amor não consumado, que atravessa toda a sua vida (Balbino, 2025). Ao permanecer fiel a um ideal romântico inalcançável, Manuela revela como o amor, longe de ser apenas uma experiência individual, funciona como dispositivo de controle social sobre as mulheres. Sua história evidencia as tensões entre desejo, dever e renúncia, configurando-se como representação emblemática da condição feminina no século XIX.

De modo geral, as personagens femininas de *A Casa das Sete Mulheres* permitem uma leitura crítica das múltiplas formas de submissão, resistência e conformismo que atravessam a experiência feminina em um contexto histórico marcado pela guerra e pelo patriarcado. A obra desloca o foco da narrativa histórica tradicional para iluminar os conflitos internos, emocionais e simbólicos das mulheres, contribuindo para reflexões relevantes nos campos da História, da Literatura e dos Estudos de Gênero.

5. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender de que modo a dicotomia entre público e privado opera como eixo estruturante da produção de subjetividades femininas na obra *A Casa das Sete Mulheres*. Ao retomar o objetivo de examinar como essa separação organiza papéis sociais, expectativas e experiências de sofrimento, evidenciou-se que o espaço privado, longe de ser neutro ou apolítico, configura-se como um campo central de reprodução das desigualdades de gênero e de internalização de normas patriarcais.

A leitura das personagens femininas demonstrou que o confinamento ao espaço doméstico, associado ao cuidado, à espera e à abnegação, produz formas específicas de subjetivação marcadas pela renúncia de desejos, pela sobrecarga emocional e pelo silenciamento. Embora ocupem posições distintas no interior dos núcleos familiares, as sete mulheres compartilham a experiência de terem suas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

trajetórias condicionadas pela ausência masculina e pela interdição do acesso ao espaço público e político. Nesse sentido, a obra revela como a separação entre público e privado estrutura não apenas a organização social do século XIX, mas também os modos de sentir, desejar e sofrer atribuídos às mulheres.

Os achados do estudo indicam que a narrativa literária evidencia tanto a reprodução quanto as fissuras da ordem patriarcal. Algumas personagens internalizam as normas de gênero e atuam na manutenção dessa estrutura, enquanto outras expressam tensões, resistências e tentativas de ruptura, ainda que frequentemente marcadas por punições simbólicas ou sofrimento psíquico. Essa ambivalência reforça a compreensão de que o privado é um espaço de disputa, no qual se articulam submissão, agência limitada e estratégias de sobrevivência feminina.

Do ponto de vista teórico, o trabalho contribui para os estudos de gênero ao reafirmar o caráter político do espaço doméstico e ao demonstrar como a literatura pode funcionar como um instrumento privilegiado para a análise das relações de poder que atravessam o cotidiano. Ao articular a dicotomia público/privado à produção do sofrimento psíquico feminino, o artigo desloca leituras individualizantes e evidencia a dimensão social e histórica de experiências frequentemente patologizadas.

Por fim, ao evidenciar que o sofrimento das personagens não pode ser compreendido como resultado de fragilidades individuais, mas como efeito de uma organização social desigual, o estudo reforça a importância de abordagens críticas que considerem gênero, subjetividade e poder de forma integrada. A análise de *A Casa das Sete Mulheres* amplia, assim, a compreensão das representações do feminino na literatura histórica e oferece subsídios para reflexões contemporâneas sobre saúde mental, desigualdade de gênero e os limites impostos às mulheres no interior da esfera privada.

Referências

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero: público X privado**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BALBINO, Jéfferson. **Feminismo em cena: a Casa das Sete Mulheres e suas representações**. Zenodo, Paraíba, v. 2, n. 1, p. 1–39, 28 maio 2025. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5281/ZENODO.15605340. Acesso em: 15 ago. 2026.

BARBOSA, Carla Adriana da Silva. As mulheres da elite farroupilha: papéis de gênero e família (RS, 1835–1845). **Revista Cantareira**, n. 24, jan./jun. 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro das sombras: a política imperial**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro, 1988.

COSTA, A. **La mujer en el poder local en Bahia/Brasil**. 418 f. Tese (Doctorado en Sociología) – Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1995.

HOOKS, bell. **Compreendendo o patriarcado**. Blog Ação Transformativa, 21 jun. 2017. Tradução de Angelica Rente. Disponível em: http://transformativa.wordpress.com/2017/06/21/compreendendo-o-patriarcado-bell-hooks/. Acesso em: 15 ago. 2026.

MILL, John Stuart; TAYLOR, Harriet. **A sujeição das mulheres**. Coimbra: Almedina, 2006. Obra original publicada em 1869.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9–41, 2000.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

OKIN, Susan Moller. Gênero: o público e o privado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, maio/ago. 2008.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: **African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms**. Dakar: CODESRIA, 2004. p. 1–8. Tradução de Juliana Araújo Lopes.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Bogotá: Editorial en la Frontera, 2017. Obra original publicada em 1997.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 9–28, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115–136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUTO, Cíntia Vieira. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. In: ST 42 – História, gênero e trajetórias biográficas. **Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul**, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **A conceptual framework for action on the social determinants of health**. Genebra: World Health Organization, 2010.

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/08/2026 - **Accepted:** 18/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/mcnry091
Pages: 1-19

ZANELLO, Valeska; ANDRADE, A. P. M. de. **Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2014.